

Um circo sem emoções

DF - eleição

JAIR DE FARIA

A um mês e meio do primeiro turno das eleições, as campanhas eleitorais no DF não conseguiram ainda despertar a paixão dos eleitores, vítimas da ditadura dos programas eleitorais gratuitos no rádio e na televisão, que recebem centenas de mensagens e propostas, e as vêem com enormes reserva e desconfiança.

A sociedade, a par das cautelas com a classe política, e no caso, com os pretendentes, está muito mais preocupada em adaptar-se à nova economia brasileira, realinhando seus orçamentos e suas vidas no campo prático, do que com qualquer outra coisa. E é exatamente aí que reside o desafio das campanhas e dos programas gratuitos.

Os pretendentes de hoje precisam inovar e ser criativos para vencerem as adversidades que as circunstâncias carregam contra si, que se somam aos episódios recentes que despiram a classe política aos olhos da Nação.

No caso do DF em particular, o que falta é sensibilidade para com o eleitorado, que é politizado e crítico, e sofre com a infinidade sucessão diária de falsetes e lugares comuns.

Claro que há exceções em um ou outro programa dos candidatos majoritários, mesmo assim, poucos se safam do proselitismo cansativo e das propostas inviáveis e demagógicas. Dos candidatos proporcionais quase nada se tira, não que alguns deles mais preparados não tenham o que dizer, mas em função da enxurrada de abobrinhas da maioria, que não permite a quem os vê, separar o joio do trigo...

Mas também não se pode atribuir o mau gosto das campanhas apenas à falta de originalidade e criatividade dos candidatos. Muito do que está aí no rádio e na televisão, devemos aos partidos políticos, que não estabelecem mecanismos de seleção dos candidatos e não se preocupam com a estética e a ética na representatividade partidária.

Nesse campo, a legislação deixou uma lacuna. Reforçou a reserva de mercado dos partidos e estabeleceu normas mais rígidas com relação à fidelidade partidária, por exemplo, mas deixou completamente de lado o que poderia ser um grande avanço que é a ética comportamental dos filiados e principalmente dos candidatos a cargos eletivos.

Como o assunto não é contemplado na Lei Orgânica dos partidos, não há, de parte das agremiações, iniciativa de modernização nesse campo. Aliás, nem poderia ser diferente em um país onde os partidos políticos só existem organicamente em períodos eleitorais, e fora disso, figuram apenas simbolicamente nas representações parlamentares.

O eleitor está frustrado, pois o que se poderia esperar nesta primeira eleição, pós impeachment e anões do orçamento, era um mínimo de originalidade nos discursos, e propostas qualitativas, concretas, compatíveis com a consciência crítica dominante e que lhe permitisse discernir fora dos limites do trágico e do cômico.

Eleição não é circo.

■ Jair de Farias é jornalista